

# A ALQUIMIA DO AMOR: UMA APRENDIZAGEM OU O LIVRO DOS PRAZERES

Teresinha V. Zimbrão da Silva (UFJF)

## RESUMO

Proposta de leitura alquímico-junguiana do romance, **Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres**, de Clarice Lispector. **Palavras-chave:** Clarice Lispector; Alquimia; Psicologia junguiana.

## ABSTRACT

Proposal of reading the novel, **Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres**, by Clarice Lispector, in the light of alchemy and jungian psychology.

**Keywords:** Clarice Lispector; Alchemy; Jungian psychology.

\* \* \*

## INTRODUÇÃO

**Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres**, de Clarice Lispector, foi publicado em 1969. É um dos livros da autora que menos recebeu a atenção da crítica literária e sobre o qual nos debruçamos para propor, neste trabalho, uma leitura alquímico-junguiana. Pretendemos demonstrar que o romance admite ser interpretado como a estória da alquimia do amor (da *coniunctio* interna e externa) de Lóri e Ulisses. Por meio do encontro amoroso dos dois personagens, Clarice Lispector nos narra uma difícil odisséia que culmina no casamento do corpo perfeito, masculino e feminino: a própria *Pedra Filosofal*.

### Psicologia e Alquimia

Cedo percebi que a psicologia analítica coincidia de modo bastante singular com a alquimia. As experiências dos alquimistas eram, num certo sentido, as minhas próprias experiências, assim como seu mundo era meu mundo. (JUNG, 1982, p. 30)

A alquimia é valiosa para a psicoterapia junguiana pelo fato de suas imagens descreverem o próprio processo de individuação. Segundo Jung, ao tentar explorar a matéria, o alquimista projetava sobre esta o seu inconsciente. Ao fazer suas



experiências químicas, ele passava por certas experiências psíquicas que atribuía à influência da matéria, quando, na verdade, estava sendo influenciado pelo seu próprio inconsciente.

A alquimia oferece, portanto, uma espécie de anatomia da psique. Estudar suas imagens, tão bem registradas em diversos tratados alquímicos, corresponde a acompanhar uma ampla e detalhada descrição do processo de individuação. A imagem central da alquimia é a idéia da *opus*. O alquimista era comprometido com um trabalho sagrado para o qual se devotava com atitude religiosa. Certas virtudes, tais como, paciência, coragem e dedicação, eram então requisitos fundamentais. Pois esses são também os requisitos exigidos do ego na psicoterapia. Apesar dos tratados alquímicos serem por demais complexos, o esquema básico da *opus* é simples: tratava-se de criar uma substância miraculosa, cujo símbolo mais conhecido é a *Pedra Filosofal*, que teria o poder de transformar a matéria vil em matéria nobre, o chumbo em ouro, o negro em branco e em vermelho, em suma, a imperfeição em perfeição. Para tanto, o alquimista precisaria antes descobrir o material adequado, a chamada *prima materia*, que seria então submetida a uma série de operações que a purificariam e a transformariam na *Pedra Filosofal*.

Os alquimistas herdaram a idéia da *prima materia* da filosofia da antiguidade. Os filósofos acreditavam que o mundo fora gerado de uma matéria única original, a chamada primeira matéria. Esta teria passado por um processo de diferenciação por meio do qual foi decomposta nos quatro elementos: terra, ar, fogo e água, que teriam se combinado em distintas proporções para formarem todos os objetos do mundo. Esta imagem da *prima materia* corresponde, psicologicamente, à criação do ego a partir do inconsciente, quando da diferenciação das quatro funções: sensação, pensamento, intuição e sentimento.

A *prima materia* seria o estado indiferenciado original da matéria. O alquimista acreditava que para transformar a matéria precisava antes reduzi-la ao seu estado original. Um procedimento correspondente acontece na psicoterapia. Os aspectos rígidos e estáticos da personalidade são reduzidos à sua condição original como parte do processo de transformação



psíquica. A imagem de uma criança em sonhos pode simbolizar a *prima materia*, pois a criança é a *prima materia* do adulto. Por reunir condições de flexibilidade e dinamismo, a criança, ao contrário do adulto, encontra-se receptiva à transformação. Para que o adulto se transforme ao longo do processo terapêutico, torna-se necessário um retorno simbólico à sua condição original de criança.

A *prima matéria* está na sombra, naquela parte da personalidade onde se encontram não só a parte mais desprezível de nós mesmos, como também o potencial não desenvolvido, simbolizado pela imagem da criança. Encontrada a *prima materia*, é o trabalho da psicoterapia e da alquimia submetê-la a uma série de operações para a sua purificação: de *nigredo* torna-se *albedo* e depois *rubedo*. Eis a descrição de Jung da *opus* alquímica:

a *opus* alquímica é perigosa. Logo no começo, encontramos o “dragão”, o espírito ctônico, o “diabo” ou como os alquimistas o chamavam, o “negrume”, a *nigredo*, e esse encontro produz sofrimento (...). Na linguagem dos alquimistas, a matéria sofre até a *nigredo* desaparecer, quando a aurora será anunciada pela cauda do pavão (cauda pavonis) e um novo dia nascerá, a *leukosis* ou *albedo*. Mas nesse estado de “brancura”, não se vive, na verdadeira acepção da palavra; é uma espécie de estado ideal, abstrato. Para insuflar-lhe vida, deve ter “sangue”, aquilo a que os alquimistas denominam a *rubedo*, a “vermelhidão” da vida. Só a experiência total da vida pode transformar esse estado ideal de *albedo* num modo de existência plenamente humano. Só o sangue pode reanimar o glorioso estado de consciência em que o derradeiro vestígio de negrume é dissolvido, em que o diabo deixa de ter existência autônoma e se junta à profunda unidade da psique. Então a *opus magnum* está concluída: a alma humana está completamente integrada. (JUNG, 1982, p. 209-210).

## As operações alquímicas

Praticamente todo o conjunto de imagens alquímicas pode ser organizado em torno dessas operações... Para meus propósitos, considere sete dessas operações como os principais componentes da transformação alquímica. São elas: *calcinatio*, *solutio*, *coagulatio*, *sublimatio*, *mortificatio*, *separatio*, *coniunctio*... Cada uma dessas operações é o centro de um elaborado sistema de símbolos... Eles fornecem as categorias básicas para a compreensão da vida da psique, ilustrando praticamente toda a gama de experiências que constituem a individuação. (EDINGER, 2005, p. 28)



As operações alquímicas derivam em parte de procedimentos químicos. A *calcinatio* envolve o intenso aquecimento de um sólido para dele retirar a água, a *solutio* transforma o sólido em líquido; a *coagulatio* o líquido em sólido; a *sublimatio* o sólido em gasoso; a *mortificatio* não tem correspondente químico; a *separatio* representa a separação, por processos químicos e físicos, da mistura indiferenciada que é a *prima materia*; por fim, a *coniunctio*: a combinação química e física de duas substâncias, criando uma terceira com propriedades distintas. Não há uma seqüência definida para as operações alquímicas, mas pode-se afirmar que a *coniunctio* é o ponto culminante da *opus*.

Cada um dos quatro elementos (fogo, água, terra e ar) está relacionado a uma operação: a *calcinatio* pertence ao simbolismo do fogo; a *solutio* da água; a *coagulatio* da terra e a *sublimatio* do ar.

O fogo da *calcinatio* é embranquecedor, atua sobre a *nigredo*, transformando-a em albedo. Na *solutio* e *coagulatio*, o negrume pode ficar ainda mais negro pela ação respectiva da água e da terra, mas das trevas nascerá a luz. Na *sublimatio*, a negrura ascende em brancura.

A *mortificatio* está relacionada à experiência, na *nigredo*, de tortura e morte que precede ao renascimento; a *separatio* envolve diferenciação e separação de opostos e a *coniunctio* à união de opostos que foram separados e purificados de modo perfeito. Cada operação alquímica exhibe um aspecto inferior e um superior, um lado positivo e um negativo. Representam provações de onde se sai vencedor ou vencido.

## A alquimia do amor

Da transformação às transformações que o amor opera, da transformação às transformações que se operam no eu, da alquimia à alquimia do amor, da alquimia do amor à alquimia interior que ou mata ou faz viver (ou mata e faz viver), assim se percorre um caminho que embora por vezes dito divino é verdadeiramente o caminho do homem. (CENTENO, 1982, p. 60)



A alquimia pretende a transformação de uma matéria imperfeita numa matéria perfeita: seu objetivo é a libertação de uma substância pura de uma impura. Este processo pode ser

compreendido em dois níveis: físico ou espiritual. Tanto num como noutro, a transformação conduz a uma união de contrários que se anulam numa realidade superior. O amor tem um papel importante na obra alquímica. Ele é, por excelência, a força que reúne os contrários, o masculino e o feminino, que tendem a integrar-se, casados num “corpo perfeito”. Este “corpo perfeito” simboliza a *Pedra Filosofal* dos alquimistas. É também símbolo do amadurecimento e da totalidade humana.

A alquimia do amor permite descobrir as várias faces das personificações masculina (*animus*) do inconsciente da mulher e das personificações feminina (*anima*) do inconsciente do homem. No ser amado, quem ama vê a projeção de um contrário seu que precisa ser integrado para haver a união superior que tanto pretende. Conseguir retirar a projeção do amado e unir dentro de si os contrários é realizar a *coniunctio*: o casamento do ego-herói com a *anima* (no caso do homem) e com o *animus* (no caso da mulher).

**Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres** pode ser interpretado como a estória da alquimia do amor, da *coniunctio* interna e externa, de Lóri e Ulisses. Através do encontro amoroso dos personagens, a narrativa nos conta de uma difícil odisséia que culmina na integração ou casamento do corpo perfeito, masculino e feminino: a *Pedra Filosofal*.

### ***Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres***

*A mais premente necessidade de um ser humano era tornar-se um ser humano.* **Clarice Lispector**

Entre uma vírgula, que inicia o romance, e os dois pontos que o finalizam, lemos sobre a alquimia do amor, a *coniunctio* de Lóri (Loreley), personagem central, e Ulisses, personagem referencial para os pensamentos e atitudes de Lóri. Tão incomum estrutura narrativa nos dá a idéia de continuidade: Lóri e seu mundo existiam antes de lermos o livro e continuarão a existir depois. A narrativa nos conta, em terceira pessoa, de um momento importante na vida de Lóri: sua odisséia em busca de si própria, do amor e do prazer sem dor, tendo como guia-mestre Ulisses que lhe indica onde estão os perigos a serem evitados e é quem determinará quando ela estará pronta para dormir com ele. A aprendizagem de que nos



fala o título é, portanto, a difícil odisséia percorrida por Lóri até estar pronta.

Em meio à aprendizagem, Lóri tem que se haver com inseguranças, medos, hesitações, encontros e desencontros com Ulisses: é a angústia da busca. Trata-se de uma busca que não se resume apenas no ato de dormir com Ulisses. Lóri pretende dar um passo à frente na sua vida. Na verdade, ela já teve outros amantes, desqualificados então como relacionamentos superficiais. Com Ulisses, trata-se de aprender o prazer para além do meramente sexual: algo como um amor total. Quando ela está enfim pronta, ao final da narrativa, seu encontro com Ulisses recobre-se de um significado especial de plenitude, simbolizando a própria *coniunctio* interna e externa: a alquimia do amor.

Logo nas primeiras páginas do livro, lemos que Lóri mantém um relacionamento com Ulisses, sendo que uma importante característica deste relacionamento é então desvendada:

Em súbita revolta ela não quis aprender o que ele pacientemente parecia querer ensinar e ela mesma aprender – revoltava-se sobretudo porque aquela não era para ela época de “meditação” que de súbito parecia ridícula: estava vibrando em puro desejo como lhe acontecia antes e depois da menstruação. Mas era como se ele quisesse que ela aprendesse a andar com as próprias pernas e só então, preparada para a liberdade por Ulisses, ela fosse dele – o que é que ele queria dela além de tranqüilamente desejá-la? (LISPECTOR, 1982, p. 14).

Ulisses impõe a Lóri um relacionamento casto como parte da aprendizagem, da alquimia do amor. De si mesmo, Ulisses diz que está em plena aprendizagem, mas muito além de Lóri, por isso é capaz de desejá-la e esperar com paciência até que ela esteja pronta, pois ele a quer inteira, com a alma também. Ora, a frustração do desejo luxurioso é a principal característica da operação alquímica *calciniatio*. Esta frustração produz o fogo que irá secar o desejo de sua impura umidade, purificando-o e transformando-o em amor. No início da narrativa, Lóri só tem um corpo para oferecer e, possuída pelo desejo, revolta-se contra esta imposição de castidade, mas, aos poucos, à semelhança de Ulisses, vai aprendendo a controlar o próprio desejo e a produzir em si o fogo purificador da

*calcinatio*. É o que se pode ler neste episódio em que ambos estão à beira da lareira:

Ele, o homem se ocupava atiçando o fogo. Ela nem se lembrava de fazer o mesmo: não era o seu papel, pois tinha o seu homem para isso. (...) Com a mão esquerda ele segurava o ferro que fazia as flamas crescerem. A mão esquerda, a livre estava ao alcance dela. Lóri sabia que podia tomá-la, que ele não se recusaria; mas não a tomava (...). Queria a mão esquerda de Ulisses e sabia que queria, mas nada fez, pois estava usufruindo exatamente do que precisava: poder ter essa mão se estendesse a sua. (...) Ah e dizer que isso ia acabar. Que por si mesmo não podia durar. Não, ela não se referia ao fogo, referia-se ao que sentia. O que sentia nunca durava, acabava e podia não mais voltar. Encarniçou-se então sobre o momento, comia-lhe o fogo interno, e o fogo externo ardia doce, ardia, flamejava. Então, como tudo ia acabar, em imaginação vívida, pegou a mão livre do homem, e em imaginação ainda, ao prender essa mão entre as suas, ela toda doce ardia, ardia, flamejava. (LISPECTOR, 1982, p. 115-116).

Controlar o próprio desejo é condição necessária para a alquimia do amor. Ser possuído pelo desejo é perder o controle de si mesmo para *anima* ou *animus*. Segundo Jung:

Quando você se abandona ao desejo, seu desejo se volta para o céu ou para o inferno, você dá um objeto à *anima* [ou *animus*]; e esse objeto vai para o mundo, em vez de ficar no interior, seu lugar próprio... Mas se você puder dizer: “Sim, eu o desejo e tentarei obtê-lo, mas não sou obrigado a tê-lo, se decidir renunciar eu posso”; não há chances para o *animus* ou para a *anima*. Caso contrário, você é governado pelos seus desejos, está possuído... Mas se tiver colocado o *animus* ou *anima* numa garrafa, está livre de possessão, mesmo que sofra interiormente, porque, quando seu demônio sofre, você também sofre. Mas, pouco depois, vai perceber que foi correto (engarráfá-lo(a)). Você vai, pouco a pouco, ficar calmo e mudar. E então vai perceber que há uma pedra crescendo na garrafa... quando essa atitude [o auto-controle] se torna um *fait accompli*, a pedra será um diamante. (EDINGER, 2005, p. 64).

A partir do momento em que o auto-controle se torna um fato, a pedra crescendo na garrafa se transforma na *Pedra Filosofal*, o que equivale a alcançar a liberdade de ser si mesmo. É o que Ulisses explica a Lóri ao final da narrativa: “você acaba de sair da prisão como ser livre... O sexo e o amor não te são proibidos. Você enfim aprendeu a existir. E isso provoca o desencadeamento de muitas outras liberdades...” (LISPECTOR, 1982, p. 171).



A operação da *solutio* também encontra-se representada na alquimia do amor entre Lóri e Ulisses. O simbolismo da *solutio* está relacionado à dissolução, ao afogamento e é, sobretudo, sugerido na narrativa pelos próprios nomes dos personagens, uma referência ao canto XII da *Odisséia* de Homero, onde é narrado o episódio em que Ulisses resiste ao canto sedutor das sereias. Ulisses vence então os perigosos poderes de *solutio* das ninfas aquáticas que atraem os homens, levando-os à morte por afogamento. O nome Lóri é uma referência às sereias, tal como Ulisses explica a Lóri:

É uma pena que seu apelido seja Lóri, porque seu nome Loreley é mais bonito. Sabe quem era Loreley?... Loreley é o nome de um personagem do folclore alemão, cantado num belíssimo poema por Heine. A lenda diz que Loreley seduzia os pescadores com seus cânticos e eles terminavam morrendo no fundo do mar. (LISPECTOR, 1982, p. 106).

A sereia é metade mulher e metade animal e por isso é capaz de despertar no homem o que há de mais primitivo e instintivo. À semelhança da *Odisséia*, Em Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres, o personagem Ulisses também resiste aos encantos de uma sereia. Ele deseja Lóri, mantém encontros com ela, ou seja, “ouve o seu canto”, mas é capaz de esperar que ela se humanize e tenha uma alma, além de um corpo, para amar. Na verdade, ao tentar seduzir Ulisses para o amor animal, Lóri se permite “ouvir o canto” de Ulisses seduzindo-a para o amor humano, ao qual enfim se entregará.

A *solutio* também é sugerida no banho de mar de Lóri, uma imagem relacionada com o simbolismo do Batismo - que é um ritual de *solutio*: a morte da velha vida por afogamento e o renascimento para uma nova vida. De fato, a sensação de Lóri, ao ir à praia, é a de estar se submetendo a um ritual: “Então havia alguma coisa que se podia aprender... o quê? Aos poucos saberia, certamente (...). Olhou o relógio: eram cinco e dez da manhã clara e límpida. A praia ainda estaria deserta e ela ia aprender o quê?” (LISPECTOR, 1982, p. 81-82).

Lóri está buscando o mundo e aprendendo a estar viva, não mais através da dor e sim do prazer. Sua busca a conduz a um ritual de Batismo que a aproximará da *Pedra Filosofal*: “Era um corpo a corpo consigo mesma dessa vez. (...) como achar





nesse corpo-a-corpo um diamante diminuto mas que fosse feérico, tão feérico como imaginava que deveriam ser os prazeres.” (LISPECTOR, 1982, p. 82). Seu banho de mar representa um momento decisivo da aprendizagem, tal como se percebe deste seu diálogo com Ulisses:

- Um dia eu fui de madrugada ao mar sozinha, (...) eu entrei na água (...).
- Gostou?
- Gostei (...).
- Teu rosto, Lóri, tem um mistério de esfinge: decifra-me ou te devoro (...).
- Meu mistério é simples: eu não sei como estar viva.
- É que você só sabe, ou só sabia, estar viva através da dor.
- É.
- E não sabe como estar viva através do prazer?
- Quase que já. Era isso o que eu queria te dizer. (LISPECTOR, 1982, p. 96-97).

Ao longo da aprendizagem de viver através do prazer, além da *calcinatio* e da *solutio*, uma outra operação alquímica, que é sugerida em vários momentos, é a *coagulatio*. O simbolismo da *coagulatio* está relacionado à encarnação, à descida a terra, a se fazer carne, a alimentar esta carne e a aceitar suas limitações. Dentre estes momentos, selecionamos três. O primeiro, representado pelo episódio de comer galinha ao molho pardo, ou seja, comer carne e sangue, uma imagem relacionada ao simbolismo da Eucaristia - que é um rito de *coagulatio*. Lóri hesita ao comer a galinha, e Ulisses a encoraja com o seguinte argumento:

Claro que devemos comê-la, é preciso não esquecer e respeitar a violência que temos. As pequenas violências nos salvam das grandes. Quem sabe, se não comêssemos os bichos, comeríamos gente com o seu sangue. Nossa vida é truculenta, Loreley: nasce-se com sangue e com sangue corta-se para sempre a possibilidade de união perfeita: o cordão umbilical. E muitos são os que morrem com sangue derramado por dentro ou por fora. É preciso acreditar no sangue como parte importante da vida. A truculência é amor também. (LISPECTOR, 1982, p. 107).

A *coagulatio* comparece então como sujeição aos limites da própria carne, é preciso respeitar a violência humana:



antes comer animais, que seres humanos. Na aprendizagem, na alquimia do amor, é preciso aprender que truculência é amor também. Um outro momento da *coagulatio* na narrativa se dá no episódio em que Lóri vai à feira e, no contato com a abundância da terra, experimenta a alegria:

E Lóri continuou na sua busca do mundo. (...) Foi à feira de frutas e legumes e peixes e flores (...) Lóri foi ver a abundância da terra que era semanalmente trazida numa rua perto de sua casa em oferenda ao Deus e aos homens. (...) Sangue puro e roxo escorria de uma beterraba esmagada no chão. Mas seu olhar se fixou na cesta de batatas. (...) A batata nasce dentro da terra. (...) E isso era uma alegria que ela aprendeu na hora: a batata nasce dentro da terra. (...) E de repente viu os nabos. Via tudo até encher-se de plenitude de visão e do manuseio das frutas da terra. (...) Ela estava procurando sair da dor, como se procurasse sair de uma realidade outra que durara sua vida até então. (LISPECTOR, 1982, p. 138).

Lóri já conhecia a dor de viver e, por medo de sofrer, não criara raízes: a *coagulatio* lhe é necessária para enraizar-se. Descer a terra e maravilhar-se com seus frutos é uma parte importante da aprendizagem do prazer de viver. O terceiro momento em que a *coagulatio* é sugerida se dá no episódio em que Lóri come a maçã e alcança o estado de graça:

Foi no dia seguinte que entrando em casa viu a maçã solta sobre a mesa. (...) Era uma maçã vermelha, de casca lisa e resistente. (...) Depois de examiná-la, de revirá-la, de ver como nunca vira a sua redondez e sua cor escarlate – então devagar, deu-lhe uma mordida. (...) E oh Deus, como se fosse a maçã proibida do paraíso, mas que ela agora já conhecesse o bem, e não só o mal como antes. Ao contrário de Eva, ao morder a maçã entrava no paraíso. (...) Só deu uma mordida e depositou a maçã na mesa. Porque alguma coisa desconhecida estava suavemente acontecendo. Era o começo – de um estado de graça. (...) As descobertas naquele estado eram indizíveis e incomunicáveis. Ela se manteve sentada, quieta, silenciosa. Era como uma anunciação. Não sendo porém precedida pelos anjos que, supunha ela, antecipam a graça dos santos. Mas era como se o anjo da vida viesse lhe anunciar o mundo. (LISPECTOR, 1982, p. 148).

Depois de comer a maçã, Lóri experimenta um retorno consciente ao Paraíso, uma experiência distinta da inconsciência de Eva antes de ser expulsa. No seu caso, comer a maçã – em princípio, rito de expulsão dos humanos do Paraíso – insere-se antes no simbolismo da Eucaristia – rito de



acolhimento dos homens no Paraíso. Afinal, à semelhança do rito eucarístico, Lóri, no ritual de comer a maçã, alcança o estado de graça, de onde é possível receber a anunciação da própria *Pedra Filosofal*.

Na verdade, a operação da *coagulatio* comparece na narrativa quase sempre acompanhada da operação oposta, a *sublimatio*. O simbolismo da *sublimatio* relaciona-se à espiritualização, à subida aos céus, a elevar-se acima das limitações da carne. A *sublimatio* encontra-se, sobretudo, representada no fato de Ulisses (professor universitário de filosofia e, portanto, acostumado a usar a razão – importante agente da *sublimatio*) se oferecer para ensinar a Lóri (professora primária) a sublimar os seus desejos. Aos poucos, Lóri vai aprendendo a amar, a comer, a se relacionar, a viver o seu dia a dia, não mais só com seu corpo, mas também com a sua alma, até que um dia ela alcança dizer para si mesma:

la esperar comendo com delicadeza e recato e avidez controlada cada mínima migalha de tudo (...). Por aquele mundo passou a vagar (...), apesar do desejo, não queria apressar nada (...) Então, de súbito se acalmara. Nunca até então, tivera a sensação de calma absoluta. (LISPECTOR, 1982, p. 130-132).

Lóri aprende a espiritualizar os mínimos momentos da sua vida, passa a ritualizar o seu cotidiano e as suas diversas experiências, tais como as já citadas: aquecer-se à beira da lareira, tomar banho de mar, comer galinha ao molho pardo, ir à feira, comer maçã. No caso, os movimentos descendente (*coagulatio*) e ascendente (*sublimatio*) se combinam e temos uma outra operação alquímica, a *circulatio*, explícita nesse pensamento de Lóri: “queria a quebra da sua carne em espírito e do espírito se quebrando em carne, queria essas finas misturas.” (LISPECTOR, 1982, p. 128).

Ora, sublimar o corpo e coagular o espírito é um importante preceito alquímico. *Sublimatio* e *coagulatio* podem repetir-se, alternadamente, várias vezes e assim criar um movimento de trânsito pelos opostos até a sua reconciliação, tal como no estado de graça experimentado por Lóri.

A operação alquímica *mortificatio* também encontra-se representada na aprendizagem. Seu simbolismo relaciona-se às experiências de tortura e morte, o que comparece explícito no



seguinte pensamento de Lóri: “Era cruel o que fazia consigo própria: aproveitar que estava em carne viva para se conhecer melhor, já que a ferida estava aberta.” (LISPECTOR, 1982, p. 27).

Ao longo da sua aprendizagem, Lóri, por diversas vezes, toca em partes de si mesma que doem, mas isso não a impede de continuar a sua *via crucis* do auto-conhecimento. A *mortificatio* relaciona-se ao simbolismo da Paixão de Cristo, seu escárnio, flagelação, tortura e morte. Imagens negativas que culminam na imagem positiva da ressurreição. É a própria Lóri quem estabelece a relação entre a sua aprendizagem e a *via crucis*:

Através de seus graves defeitos (...) é que chegara agora a poder amar. (...) A consciência de sua permanente queda humana a levava ao amor (...). E aquelas quedas – como as de Cristo que várias vezes caiu ao peso da cruz – e aquelas quedas é que começavam a fazer a sua vida. (LISPECTOR, 1982, p. 27).

Carregar a sua cruz e morrer para renascer é um importante momento da aprendizagem de Lóri. Uma outra operação explícita na alquimia do amor de Lóri e Ulisses é a *separatio*. Seu simbolismo relaciona-se à separação e purificação de opostos e seu principal agente é o Logos por sua capacidade de dividir, nomear e classificar. O objetivo da *separatio* é dividir até chegar ao indivisível, isto é, ao indivíduo. Numa relação de amor, acontecem identificações e projeções (*coniunctios* contaminadas) que precisam ser desfeitas para que um possa ver o outro como um indivíduo único. Os amantes precisam se separar e se purificar por inteiro da contaminação mútua antes da *coniunctio* final. É o que se verifica na narrativa: ao longo da aprendizagem, Lóri e Ulisses encontram-se com frequência. Contudo, a partir de determinado momento, acontece uma separação:

Ele não lhe telefonava, ela não o via: ocorreu-lhe então que ele tivesse desaparecido para que ela aprendesse sozinha. (LISPECTOR, 1982, p. 123). E agora era ela quem sentia a vontade de ficar sem Ulisses, durante algum tempo, para poder aprender sozinha a ser. (LISPECTOR, 1982, p. 132).

A separação é dolorosa para ambos, mas necessária à



aprendizagem, é o que se comprova desta conversa de ambos ao telefone quase ao final da narrativa:

- Prefiro ficar ainda algum tempo sozinha, mesmo que seja tão difícil.
- É um sacrifício para mim também. Mas faça como quiser, se é disso que você precisa.
- Ela então falou com uma tranquilidade que não conhecia em si mesma:
- É Ulisses, é disso que eu ainda preciso. (LISPECTOR, 1982, p. 134-135).

Lóri precisa ficar só para fortalecer sua identidade antes de unir-se com Ulisses, caso contrário corre o risco de diluir-se nessa união. Ela precisa sofrer a *separatio* para aprender sobre as diferenças que os distinguem um do outro e os tornam indivíduos. E quando, enfim, eles voltam a se encontrar após um longo período de separação, Ulisses lhe diz: “Você está pronta, Lóri. Agora eu quero o que você é, e você quer o que eu sou. E toda esta troca será feita na cama, Lóri, na minha casa (...). Você pode vir quando quiser.” (LISPECTOR, 1982, p. 152).

Lóri está pronta para a *coniunctio* com Ulisses, que é narrada no capítulo final. O simbolismo da *coniunctio* relaciona-se à união final dos opostos purificados, o casamento do corpo perfeito, masculino e feminino, representado pela *Pedra Filosofal*. O próprio termo *Pedra Filosofal* representa uma união de opostos: a Filosofia – o amor à sabedoria – é atividade espiritual e a Pedra é realidade material. Trata-se de dar ao espírito, o peso da pedra e casar a alma com o corpo. Lóri realizou a *coniunctio* interna e tem agora corpo e alma para oferecer a Ulisses, como ela mesma explica: “Você tinha me dito que, quando perguntassem meu nome eu não dissesse Lóri, mas “Eu”. Pois só agora eu me chamo “Eu”. E digo: Eu está apaixonada pelo teu eu.” (LISPECTOR, 1982, p. 165).

Lóri agora é um “Eu” que ama Ulisses. Ela, enfim, aprendeu a se ver como um indivíduo único. A *opus*, a *rubedo* alquímica, a vermelhidão da vida, conquistada depois do embranquecimento da *nigredo*, é sugerida na seguinte fala de Ulisses: “Você é a mesma de sempre. Só que desabrochou em rosa vermelho-sangue.” (LISPECTOR, 1982, p. 170).

Lóri desabrochou para a vida. Aprendeu a viver através



do prazer. E está pronta para a *coniunctio* com Ulisses. O simbolismo alquímico desta *coniunctio* comparece explícito nas seguintes imagens do sonho de Lóri:

Ela sonhou vendo que a fruta do mundo era dela (...) uma fruta enorme, escarlate e pesada (...), brilhando de uma luz quase ouro. (...) ela encostava a boca na fruta e conseguia mordê-la, deixando-a no entanto inteira. (...) Pois assim era com Ulisses: eles se haviam possuído além do que parecia ser possível e permitido, e no entanto ele e ela estavam inteiros. A fruta estava inteira, sim, embora dentro da boca sentisse como coisa viva a comida da terra. Era terra santa porque era a única em que um ser humano podia ao amar dizer: eu sou tua e tu és meu, e nós é um. (LISPECTOR, 1982, p. 167)

A cor escarlate sugere a *rubedo*; a luz quase ouro, o próprio ouro filosofal; a imagem de comer a fruta da terra santa relaciona-se ao simbolismo da Eucaristia. Mas é a frase final que melhor traduz a alquimia do amor de Lóri e Ulisses: “eu sou tua e tu és meu, e nós é um”.

### Conclusão

Espero ter conseguido estabelecer relações pertinentes nesta proposta de leitura alquímico-junguiana de **Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres**. Não foi minha pretensão, em absoluto, esgotar o assunto. Muito provavelmente, ângulos importantes deixaram de ser explorados, ou sequer foram vislumbrados. Por ora, dada a complexidade do tema, este é o trabalho possível.

## REFERÊNCIAS

CENTENO, Y. K. **A alquimia do amor**. Lisboa: Regras do Jogo, 1982.

EDINGER, E. F. **Anatomia da psique**: o simbolismo alquímico na psicoterapia. São Paulo: Cultrix, 2005.

JUNG, C. G. **Psicologia e alquimia**. Petrópolis: Vozes, 1982.

LISPECTOR, C. **Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

McGUIRE, W.; HULL, R. F. **Jung**: entrevistas e encontros. São Paulo: Cultrix, 1982.

